

Índice

| | |
|--|-----|
| Prefácio | 9 |
| Agradecimentos | 13 |
| Apresentação | 17 |
| I PARTE | |
| Anos venturosos | 23 |
| Os pais | 25 |
| Infância e adolescência | 35 |
| II PARTE | |
| <i>A ardente lava do infernal vulcão</i> | 71 |
| A revolução chega ao arquipélago | 73 |
| O regresso a Lisboa | 81 |
| E tudo a guerra levou | 103 |

III PARTE

| | |
|---|-----|
| À conquista do espaço público | 143 |
| A projecção | 145 |
| Fundadora, directora e redactora de um jornal | 195 |
| A segunda empreitada jornalística | 235 |
| A cruzada pela instrução das mulheres | 293 |
| Evocação do pai, epidemias e lutos | 303 |
| A última incursão de fôlego pela imprensa periódica | 321 |
| Embaraços financeiros | 347 |
| A biografia paterna e os últimos anos | 365 |
| <i>Caiu a mulher forte!</i> | 383 |
| A eternidade | 401 |
| Apêndices | 407 |
| Nótula acerca das normas de transcrição seguidas | 415 |
| Lista de siglas | 417 |
| Fontes e bibliografia citadas | 419 |
| Índice remissivo de antropónimos | 435 |

Prefácio

Todos nós somos, por vezes, como Frei Tomás, mais propensos às pregações abstractas do que às acções concretas. Em todos nós, haverá uma coexistência mais conflituosa do que pacífica entre progressismo e regressismo. Tais tensões de suposta índole «esquerdista» («progressiva»?!) ou «direitista» («regressiva»?!), recorrendo a um discurso politicamente (in)correcto e (in)arcaico (?!), continuam a ser vividas quotidianamente dentro de cada um de nós, muito mais internamente divididos do que a protagonista desta biografia — Antónia Gertrudes Pusich (AGP), «uma mulher invulgar» e quase pessoalmente polifacetada.

Antes de abordarmos alguns aspectos peculiares do livro da Doutora Maria de Lurdes Caldas (MLC), reputada investigadora da História de Portugal (lembremo-nos apenas de *Os Medina e Vasconcelos: História de uma Família*, Lisboa, Escritório Editora, 2019), é de salientar que apresenta praticamente todas as facetas pusichianas, tanto biográficas como bibliográficas (jornalismo, poesia, ficção, música e teatro, mas também actividade política, pedagógica e feminista). É curioso, porém, todas estas facetas bibliográficas estarem de algum modo ao serviço da faceta biográfica por excelência. Como se, através da obra de Antónia Gertrudes, a autora abrisse caminho aos cantos mais recônditos da vida desta «mulher invulgar» do Portugal oitocentista.

Analisando pormenorizadamente a obra pusichiana completa, MLC consegue descobrir uma série de casos ou acontecimentos anedóticos que projectam uma luz diferente sobre a vida desconhecida da escritora luso-cabo-verdiana: sobre a sua aparência física, comportamento, hábitos (não raras vezes bastante excêntricos para a época), aspectos relativos aos seus três casamentos, ao seu grande amor (Rodrigo da Fonseca Magalhães), (que se saiba) nunca «consumado», situações mais ou menos delicadas dentro da família Pusich mais alargada (como adultérios e concubinatos), o facto curioso de a língua veicular de AGP não ser nem o português (língua materna da sua mãe), nem o croata (língua materna do seu pai), mas sim o italiano, a pertença (ainda que relativamente efémera) a uma loja maçónica feminina etc., etc. Tudo isto faz com que o texto desta «enciclopédia bio(biblio)gráfica» possa ser lido como uma espécie de biografia romanceada, muito embora MLC trate com todo o rigor os factos com que se depara nas numerosas fontes históricas consultadas. Aliás, MLC nunca obriga o leitor a aceitar irreflectidamente os seus pressupostos originais, deixando-lhe liberdade para construir um mosaico de conclusões aceitáveis, tanto ao nível do senso comum quanto a um eventual novo edifício bio(biblio)ográfico pusichiano potencialmente erigível por algum leitor mais ambicioso.

Acrescente-se a isto que, na sua monografia, MLC acompanha metodicamente não só a cronologia da vida de Antónia Pusich e de todos os elementos da sua família, como também o desenvolvimento de vários acontecimentos políticos de então, como a Revolução Liberal de 1820 e a brutal e duradoura guerra civil que se lhe seguiu. Tratou-se de uma guerra que marcou profundamente a vida de todos os membros da família Pusich, tanto mais que a família luso-croata estava intimamente ligada à casa real de Bragança, vivenciando com ela todas as divisões, que tanto condicionaram a evolução política posterior. A pessoa mais atingida foi a própria Antónia, cuja trajectória, tanto biográfica quanto bibliográfica, dependeu directamente dos constantes vaivéns político-ideológicos daquele tempo. Sendo partidária do regime absolutista, tinha de domar o seu carácter

indomável para poder (politicamente) coabitar com os «esquerdistas» da época. Daí cenas cheias de tensão dramática, que deram origem a uma verdadeira saga política, ao mesmo tempo literária e cientificamente (historiograficamente) bem elaborada. Embora as simpatias da autora estejam obviamente do lado da «mulher invulgar», MLC mesmo assim não desiste do princípio da objectividade, o que mais uma vez faz com que o leitor sinta uma certa tensão criativa ao «consumir» o enciclopedicamente estruturado texto bio(biblio)gráfico de MLC.

Mas sendo a «George Sand portuguesa» (sentada à direita, e não à esquerda do Pai, como a sua «sósia» francesa) tão progressista para a época, porque é que caiu em esquecimento e desuso político-ideológico logo depois (parcialmente até antes) da morte?! A resposta, também desta vez é dada por MLC no final da sua monografia monumental. O esquecimento do Ser pusichiano (para parafraseando citarmos o célebre sintagma heideggeriano) deve-se ao Altar e ao Trono — dois pilares fulcrais da mundividência de AGP —, que foram pedra no sapato tanto de uma boa (se não a maior) parte do Portugal da época quanto de uma boa parte (se não a maior) do Portugal (e da União Europeia) de hoje. Ainda bem que MLC não caiu na cilada, insistindo perseverantemente (o pleonasma é intencional) não numa «objectividade parcial» (já que não existe uma «subjectividade imparcial»), mas sim numa espécie de «parcialidade» aparente, extremamente objectiva.

Embora em vários dos seus escritos, tanto literários como jornalísticos, Antónia tenha manifestado o seu desejo de reconhecimento público, não especificou em que domínio da sua projecção gostaria de ver incidir esse reconhecimento. [...] De uma personalidade tão complexa e rica, não é fácil lavrar epitáfio. (MLC)

Estamos absolutamente de acordo. Lavrar epitáfio a uma personagem do calibre de Antónia Gertrudes Pusich parece mesmo o trabalho de Sísifo. Maria de Lurdes Caldas, porém, conseguiu fazê-lo logo à primeira

tentativa. Mas isso não é tudo! Ela também conseguiu o que só raros alcançam: matar dois coelhos de uma só cajadada, isto é, ao mesmo tempo lavar epitáfio a AGP e a si própria.

Nikica Talan